

MOLHO

VITÓRIA FERNANDES PEREIRA¹

Universidade Federal da Grande Dourados
E-mail: vitoriaferpe7@gmail.com

Me encontro sozinha na cozinha escura e fria.

O silêncio me deixa surda e desesperada para fazer algo que quebre essa quietude que me assusta.

Comecei a bater as unhas na mesa como se isso fosse afastar as entidades que só existem dentro da minha cabeça, me rondando e controlando – como se eu vivesse por elas e não por mim.

Meu corpo tremia sem parar, meu fôlego me deixava cansada só pelo esforço de ter que respirar repetidas vezes. *Tudo isso para sobreviver.* Só se ouvia o barulho do ar entrando e saindo da minha boca. *Eu não quero morrer.*

Ali na mesa estava o que eu precisava para conseguir viver. Mas me mataria no mesmo instante em que eu ousasse pensar em tocar.

Um prato de macarrão. Um garfo. Uma cozinha escura. Um estômago vazio. *O sonho de ser aceita.*

O ronco do estômago veio alto. Mais alto que as unhas batendo na mesa. Mais alto que as vozes gritando na minha cabeça: “*não não não não não não não não.*” Não?!

Eu não quero comer (*eu estou louca para comer*).

Não consigo olhar para o prato. Só de sentir aquele cheiro... A minha língua está imperativa dentro da minha boca que saliva sem parar. *Estou babando.*

Meus olhos começaram a arder só de visualizar a imagem da massa em minha boca, *mastigando.*

1 Primeiro lugar, categoria “Conto”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia. 2023

Meus dedos seguraram aquele garfo como se ele fosse fugir da minha palma – talvez realmente fosse fugir, mas não exatamente o garfo. É só comer. COME.

E eu aproximei a comida da minha boca semi aberta, e salgada por causa das lágrimas que escorregavam lá dentro sem parar – talvez fique com um gosto mais salgado por isso.

E eu dei a primeira garfada. *Mastigava*. Eu comia e soluçava. *Eu me rendi de novo*.

Agora, por quanto tempo preciso ficar de boca fechada até recuperar o tempo perdido? *Três dias? Uma semana? Se eu ingerir poucas calorias...* Eu não conseguia parar de sentir aquele bolo de comida se enroscando em minha garganta. Eu estava enjoada. *Nojo da comida ou de mim mesma?*

Com os olhos fechados, eu lambi meus lábios sujos de molho e senti o êxtase que aquele sabor me proporcionava. Mordi minha boca e aproveitei aquele gosto de tempero.

Eu larguei o talher e repousei minhas duas mãos na mesa, ambas ficando dos dois lados do prato.

Fitei aquilo com o desejo de poder relembrar o sabor que havia sentido há segundos atrás. Queria sentir a massa enroscando em minha língua. Ficar agoniada com o macarrão sujando meus dentes... *Só mais um pouco...*

E dessa vez eu não sujei só minha boca. *Não*.

Minhas mãos; meus dedos; minhas unhas; minha blusa; meu cabelo; meu queixo; meus dentes; minha língua; minha vergonha; *minha sanidade*.

Eu sujei tudo com aquele molho de tomate.

Comi igual a um bicho – *Até pior*. Um cachorro teria mais modos.

Naquele momento eu não era um animal, eu era um sentimento.

Eu era o desespero. O desespero espantado com o medo. Eu era covardia. Eu me sentia uma mistura de pecados. Pecados que não estão escritos em lugar algum a não ser lá dentro da minha cabeça – onde eu sou feita de regras.

Meus dedos lambuzados, melados, sujos... Entrando na minha boca porque eu queria chupar cada milímetro de molho. Eu pegava cada fio de macarrão e engolia sem nem mastigar.

Ao terminar, eu não estava satisfeita.

Eu estava pior do que antes.

Meu estômago não pedia socorro, mas eu pedia.

Eu queria poder tirar de mim tudo aquilo que eu engoli.

E a culpa se manifestou no meu peito; martelando a minha cabeça sem parar – machucando minha aura e sufocando meus pensamentos.

Eu não estou morta, mas com certeza estou em processo de morte.

As minhas vozes vão me afogar em um mar de culpa até eu não conseguir me mover. *Eu só queria poder ser vista. Só quero ser aceita. Aceita por todos.*

Eu quero ser a minha versão.

Eu não me sinto humana.

Eu me sinto uma besta sendo controlada por cordas.

Cordas que eu mesma criei – enroladas até o pescoço.